

A Teologia da Libertação na América Latina e a “vida no Espírito” (Rm 8,2): a experiência da força pneumática na vida dos empobrecidos

*Liberation Theology in Latin America and “life in the Spirit”
(Rm 8:2): the experience of pneumatic force in the lives of the
impoverished*

Anderson Moura Amorim

Resumo

A vida no Espírito, que na visão paulina significa ter o Espírito de Cristo (Rm 8,2), é um estilo ou forma de viver a vida cristã e um dinamismo que deve projetar os crentes a ações concretas em compromisso com o projeto de Jesus, em especial, para com os empobrecidos e marginalizados. Assim sendo, a Teologia da Libertação surge, no início do Concílio Vaticano II, como proposta do *aggiornamento*, na Igreja latino-americana, dentro de um contexto desejoso de libertação, como um pensar a fé a partir da realidade complexa dos empobrecidos do Continente e na perspectiva de uma ação pneumática libertadora, entendida como experiência do seguimento de Jesus. A experiência da força pneumática na vida dos empobrecidos configura a perspectiva particular pela qual se enxerga a positividade da fé, dada a urgência da libertação histórica dos pobres guardando a primazia de valor da libertação soteriológica. Desse modo, este estudo pretende, a partir da pesquisa bibliográfica como metodologia, analisar a vida no Espírito como reflexão teológica Latino-americana, na perspectiva do empobrecido. Este estudo deseja contribuir no conhecimento teológico da experiência de fé libertadora e para a evangelização na Igreja cristã Latino-americana.

Palavras-chave: Teologia da Libertação. América Latina. Vida no Espírito. Empobrecidos e marginalizados.

Abstract

Life in the Spirit, which in Paul's vision means having the Spirit of Christ (Rom 8:2), is a style or manner of living the Christian life and a dynamism that should move believers toward concrete actions in commitment to the project of Jesus, especially on behalf of the poor and marginalized. Thus, Liberation Theology arises, at the beginning of the Second Vatican Council, as a proposal of *aggiornamento* within the Latin American Church, in a

context longing for liberation, as a way of thinking faith from the complex reality of the Continent's poor and from the perspective of a pneumatic, liberating action understood as the experience of following Jesus. The experience of pneumatic strength in the lives of the poor shapes the particular perspective through which the positivity of faith is perceived, given the urgency of the historical liberation of the poor while preserving the primacy of the soteriological liberation. In this way, this study intends, using bibliographical research as its methodology, to analyze life in the Spirit as a Latin American theological reflection from the perspective of the impoverished. This study seeks to contribute to the theological understanding of the experience of liberating faith and to the evangelization within the Latin American Christian Church.

Keywords: Liberation theology. Latin America. Life in the Spirit. Impoverished and marginalized.

Introdução

A experiência de vida no Espírito Santo, que na visão paulina é entendida como a experiência de seguir a Jesus, é assumida tanto no esforço reflexivo quanto na prática da Igreja Latino-americana como uma perspectiva fundamental para a evangelização, um pensamento teológico sob a ótica de uma ação pneumática libertadora. Esta sistematização teológica, que surge dentro de um contexto desejoso de libertação, ficou conhecida como Teologia da Libertação.

O tema da vida no Espírito, dá a entender, no pensamento paulino (Rm 8,2), como um estilo ou forma de viver a vida cristã e um dinamismo comprometido com o projeto libertador de Jesus. Nesse sentido, a expressão “Teologia da Libertação” indica tanto uma práxis pastoral quanto seu momento mais explícito e estritamente reflexivo, isto é, sua formulação teórico-conceitual, em uma unidade estrutural (teoria-práxis) mais ou menos tensa e conseqüente.¹

Enquanto “Teologia total”,² estas duas intuições fundamentais constituem, pois, a “coluna vertebral” de todas as teologias da libertação,³ seja enquanto “práxis teológica” seja enquanto “teoria teológica”. Todas elas nascem e se desenvolvem como teologias da práxis (primado da práxis) de libertação (perspectiva do pobre/oprimido). O que varia é o acento dado a determinada práxis (eclesial, social, política, cultural etc) e a determinado aspecto da libertação (pobreza, gênero, etnia, ecologia etc) e a forma de explicitar o vínculo teoria-práxis (ato primeiro - ato segundo, teoria como momento da práxis etc).⁴

¹ ELLACURÍA, I., Relación teoría y praxis en la teología de la liberación, p. 235.

² ELLACURÍA, I., Relación teoría y praxis en la teología de la liberación, p. 314.

³ Existem diversas teologias da libertação, caracterizadas por pluralidade e complexidade. Essa diversidade abrange aspectos geográficos (América Latina, África, Ásia, EUA, Europa), enfoques (pobreza, gênero, etnia, cultura, ecologia, pluralismo religioso), mediações práticas (CEBs, pastoral social, movimentos sociais, partidos) e teóricas (ciências sociais, antropologia, filosofia). Dependendo do problema, localização e mediação priorizada, a teologia da libertação assume diferentes configurações.

⁴ GUTIÉRREZ, G., Teología de la liberación, p. 81.

Partindo desse pressuposto, a “opção pelos pobres” Igreja no Continente Latino-Americano pós-Concílio Vaticano II configura-se como um impulso do *aggiornamento*, convergiu para a conscientização de repensar a evangelização na América Latina, não apenas na perspectiva da conservação da fé, mas para a maturação de uma Teologia Espiritual libertadora.

Para tanto, cumpre dizer que o estudo que se segue está organizado em três momentos, cuja sequência objetiva evidenciar o que entendemos por Teologia da Libertação no contexto da América Latina, abordar “o viver no Espírito” (Rm 8,2) como forma de viver a fé cristã comprometida com o projeto libertador de Jesus. E, por último, no terceiro momento, demonstrar, uma “nova espiritualidade”, que aqui chamamos de libertadora, como um dos novos meios e modos de ser Igreja no mundo contemporâneo.

Na perspectiva da Teologia da Libertação no contexto eclesial latino-americano, o pobre não é só o lugar privilegiado de uma “nova maneira de fazer Teologia”,⁵ mas é o lugar que a Teologia descobriu como opção de presença e ação salvadora do Espírito de Deus. A experiência do empobrecido configura a perspectiva particular pela qual se enxerga a positividade da fé, dada a urgência da libertação histórica dos pobres guardando a primazia de valor da libertação soteriológica.⁶

1. A Teologia da Libertação: experiência fundante

A expressão “Teologia da Libertação” é comumente utilizada para designar tanto um movimento eclesial (práxis) quanto de seu momento mais estritamente intelectual (teoria), ou seja, fala-se tanto de uma “práxis teológica” quanto de uma “teoria teológica” em sua unidade estrutural. No contexto eclesial Latino-americano, a Teologia da Libertação surgiu dentro de um ambiente desejoso de libertação, como um pensar a fé a partir da realidade complexa dos empobrecidos do Continente e na perspectiva de uma ação pneumática libertadora, entendida como experiência do seguimento de Jesus.

A Teologia da Libertação designa tanto uma “práxis teológica” quanto uma “teoria teológica” em uma unidade estrutural (teoria-práxis) mais ou menos tensa e consequente.⁷ Estas duas intuições fundamentais constituem, pois, a “coluna vertebral”⁸ de todas as teologias da libertação⁹, seja enquanto “práxis teológica”, seja enquanto “teoria teológica”. Todas elas nascem e se desenvolvem como teologias das práxis de libertação. Como “práxis teológica”, consiste no jeito de viver e celebrar a fé. Enquanto “teoria teológica”, pretende ser no sentido mais estrito da palavra: “máximo exercício racional e ‘científico’ possível sobre seu objeto englobante que é o Reino de Deus”.¹⁰

⁵ GUTIÉRREZ, G., Teología de la liberación, p. 87.

⁶ LOPES, G. P. S., Liberationis Mysterium, p. 31.

⁷ ELLACURÍA, I., Relación teoría y praxis en la teología de la liberación, p. 235.

⁸ LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A., Introdução à teologia, p. 254.

⁹ A pluralidade e complexidade que caracterizam esse movimento estão constituídas por uma diversidade geográfica, por uma diversidade de enfoques ou perspectivas, por uma diversidade de acento nas mediações práticas e teóricas e por uma diversidade de problemas/temas enfrentados e formulados. Dependendo do problema, do lugar geográfico, da perspectiva e da mediação prático-teórica priorizada, a teologia da libertação terá uma configuração ou outra (LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A., Introdução à teologia, p. 254-283).

¹⁰ ELLACURÍA, I., Relación teoría y praxis en la teología de la liberación, p. 235.

Desse modo, por Teologia da Libertação entendemos, portanto, como um movimento teológico-pastoral, prático-teórico, que se vinculam e, de uma forma ou de outra, tomam parte nesse jeito de ser igreja, de viver e pensar a fé.

Embora com concepções distintas das práxis e de seu vínculo com a teoria, os teólogos da libertação sempre entenderam a Teologia da Libertação como uma teologia da práxis:¹¹ “um momento do processo por meio do qual o mundo é transformado”;¹² uma espécie de “praxeologia da libertação”;¹³ “momento consciente e reflexo da práxis eclesial”.¹⁴

Sem negar a importância fundamental da reflexão sobre a doutrina da fé, a Teologia da Libertação amplia o horizonte teológico ao integrar de modo explícito a dimensão histórica da salvação, orientando-se para a transformação das realidades marcadas pela injustiça.¹⁵ Frente às teologias predominantemente “intelectualistas”, centradas nas ideias, no diálogo cultural e na lógica discursiva, a Teologia da Libertação se caracteriza como uma teologia “realista” e prática, centrada na realidade que se busca compreender (e não apenas na ideia ou conceito dessa realidade) e em sua realização histórica, isto é, na busca de mediações concretas de sua efetivação (e não somente na determinação teórica de seu sentido).¹⁶

Andrade¹⁷ argumenta que a Teologia da Libertação é um discurso teológico praticado em todo o mundo cristão, mas predominantemente na América Latina e no Caribe desde o final da década de 60. Para Comblin,¹⁸ essa teologia não pode ser compreendida sem considerar o contexto da Igreja e do mundo secular. Nesse sentido, Leonardo Booff¹⁹ acrescenta que a Teologia da Libertação na América Latina e no Caribe resulta da confluência das forças que atuaram sobre o mundo secular e sobre a Igreja nos últimos anos, refletindo as perspectivas e expressões de diversos teólogos no continente. Além disso, a Teologia da Libertação busca responder às injustiças sociais e à marginalização, enfatizando a necessidade de uma prática pastoral comprometida com a transformação social e a promoção da dignidade humana.

A partir da busca de uma formulação de “teologias contextualizadas”,²⁰ movida pelo *aggiornamento* do Concílio Vaticano II, deu-se início, indubitavelmente, o surgimento da Teologia da Libertação no Continente Latino-americano como uma maneira de pensar a fé a partir da realidade complexa dos empobrecidos do Continente, resultante de um modelo econômico-político que subjuga à dinâmica do capitalismo mundial. Confirmada por Medellín²¹ e respaldada por Puebla,²² a Teologia da

¹¹ GUTIÉRREZ, G., Teología de la liberación, p. 81.

¹² GUTIÉRREZ, G., Onde dormirão os pobres? p. 74.

¹³ ASSMANN, H., Teología desde la praxis de la liberación, p. 62-65.

¹⁴ ELLACURÍA, I., Relación teoría y praxis en la teología de la liberación, p. 163-185.

¹⁵ ELLACURÍA, I., Relación teoría y praxis en la teología de la liberación, p. 202.

¹⁶ ELACURÍA, I., Relación teoría y praxis en la teología de la liberación, p. 200-211.

¹⁷ ANDRARE, P., Fé e eficácia, p. 57.

¹⁸ COMBLIN, J., O mar se abriu, p. 179.

¹⁹ BOOFF, L., Teologia do cativo e da libertação, p. 18-19.

²⁰ ANDRARE, P., Fé e eficácia, p. 57.

²¹ GIBELLINI, R., A Teologia no século XX, p. 369-70.

²² BOFF, L., A Teologia da Libertação Balanços e Perspectivas, p. 20.

Libertação, como qualquer Teologia, parte da pergunta, conforme observou Gutiérrez,²³ um dos grandes teólogos da libertação latino-americano, dirigida à fé sobre o significado de ser cristão em um Continente de espoliados e oprimidos.

Conforme Richard,²⁴ a teologia latino-americana, trata-se, portanto, duma nova maneira de fazer Teologia, ou seja, uma nova metodologia teológica, uma “ruptura epistemológica radical”, à luz da fé. Assim, a Teologia da Libertação não acrescenta um novo tema, mas, sim, uma nova maneira de fazer Teologia, na qual, a Libertação é constituída como ótica, e não como simples objeto. É evidente que a Teologia Latino-americana não faz a passagem de uma metodologia abstrata para uma concreta, ou seja, não especifica a oposição, “teoria - prática”, mas a “dominação - libertação”, uma “libertação de seu cativeiro ou instrumentalização por parte da ideologia dominante”²⁵ Nessa perspectiva, Gibellini²⁶ argumenta que o discurso da Teologia da Libertação é estruturado por quatro elementos, sendo que três deles são mediações e um deles é uma opção existencial prévia. A opção feita por esta linha de pensamento teológico é uma opção política, ética e evangélica. Ela é política porque o teólogo não é neutro politicamente; ele está situado ao lado dos oprimidos. A opção é ética porque o seu nascimento se dá a partir de um questionamento ético. A opção é evangélica por estar respaldada e motivada pelo Evangelho, conforme Mt 25,35-41.

Desse modo, a Teologia Latino-americana, a partir da compreensão libertadora do mistério de Deus, reelaborada a partir dos pobres, contribuiu para a maturação de uma teologia pneumática libertadora. Conforme Leonardo Boff,²⁷ essa teologia é entendida como experiência do seguimento de Jesus. A vinda de Jesus ao mundo trouxe consigo a verdadeira liberdade para os seres humanos (Jo 8, 36). Isso significa que os cristãos são chamados a participar da liberdade de Cristo e, como missão indispensável, fruto de uma vida no Espírito, a compartilhar essa liberdade, especialmente entre os oprimidos e explorados pelos poderosos. Além disso, a teologia pneumatológica enfatiza a ação do Espírito Santo como agente de transformação e fortalecimento, convocando os fiéis a serem agentes de mudança em suas comunidades, promovendo justiça e solidariedade.

2. “A vida no Espírito” (Rm 8,2) como forma de viver a fé cristã comprometida com o projeto libertador de Jesus

O “viver no Espírito” (Rm 8,2), conforme a teologia paulina, significa uma forma de estar em Cristo e, conseqüentemente, uma experiência de nascer de novo, que promove uma transição da passividade para a atividade. Essa transformação é operada não por uma “força estranha”, mas pelo próprio Espírito Santo, que impulsiona à mudança, conversão e renovação. Essas ações sinais da manifestação do Espírito que atua no mundo e na história, suscitam também um compromisso responsável em gerar

²³ GUTIÉRREZ, G., Teología de la liberación, p. 67.

²⁴ RICHARD, P., Força ética e espiritual da Teologia da Libertação, p. 16.

²⁵ SEGUNDO, J. L., Libertação da teologia, p. 11.

²⁶ GIBELLINI, R., A Teologia no século XX, p. 350.

²⁷ BOFF, L., A Santíssima Trindade é a melhor comunidade, p. 47-49.

vida e promovê-la. Leonardo Boff ²⁸ explica que, além disso, viver no Espírito implica uma dimensão comunitária, na qual os fiéis são chamados a colaborar com Deus na construção de um mundo mais justo e solidário, refletindo os valores do Reino de Deus em suas ações diárias.

A mais notável das recomendações éticas de Paulo é, sem dúvida, o apelo para “viver segundo o Espírito” (Rm 8,2). No capítulo sobre o Espírito (Rm 8), a primeira descrição dos cristãos é a de pessoas “que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8,4). Esse tema é desenvolvido de forma semelhante na Carta aos Gálatas, onde Paulo exorta: “Conduzi-vos pelo Espírito e não satisfareis os desejos da carne” (Gl 5,18). Outro ponto a ser destacado sobre o tema do Espírito, de acordo com James Dunn, ²⁹ é a descrição que Paulo faz dos crentes que são “conduzidos pelo Espírito”. Além disso, essa vivência no Espírito implica uma transformação interior que se reflete em ações éticas e em relacionamentos comunitários, enfatizando a importância da solidariedade e do amor ao próximo como frutos dessa vida no Espírito.

Para Barth, ³⁰ Paulo coloca em contraste os dois regimes: o regime do pecado e o do Espírito da Vida, pois “procedemos da possibilidade visível de nossa existência na carne e prosseguimos em direção da possibilidade invisível de nossa existência no Espírito”. A mudança acontece com a passagem de um para o outro por meio da novidade do Espírito: “se, porém, Cristo está em vós, o corpo está morto, por causa do pecado, mas o Espírito é vida, pela justiça” (Rm 8,10). Käsemann ³¹ sustenta que a lei do Espírito indica não uma presença passageira, mas um dinamismo estável que torna possível, na vida do cristão, a passagem da escravidão à liberdade, “pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus (Rm 8,2) está intimamente ligada à salvação realizada por Cristo em sua cruz e ressurreição, que concede a vida nova. De acordo com Moo, ³² na cruz o regime da lei esgotou-se inteiramente e, doravante, atua um novo princípio de salvação, denominado por Paulo de “lei do Espírito”. O autor ressalta que essa expressão é particularmente significativa, sobretudo considerando a desvalorização que Paulo atribui à categoria da lei. A efusão do Espírito de Deus ocorre após a ressurreição de Cristo, indicando que essa presença é fruto da glorificação de Jesus. Além disso, conforme Moo, ³³ a ação do Espírito Santo na vida do cristão não apenas transforma a relação com a Lei, mas também fortalece a liberdade humana orientada pelo amor, capacitando os fiéis a viverem de modo que reflitam os valores do Reino de Deus, promovendo justiça, caridade e reconciliação em suas comunidades.

Dessa forma, o Espírito de Deus está nos homens porque estes estão em Cristo Jesus. É através do estar com Cristo que os crentes se tornam instrumentos do Espírito, não como homens naturais, mas como aqueles que verdadeiramente estão mortos e sepultados com Cristo. ³⁴ Como Paulo afirma: “se o Espírito daquele que ressuscitou

²⁸ BOFF, L., A Santíssima Trindade é a melhor comunidade, p. 47-49.

²⁹ DUNN, J. D. G., A teologia de Paulo, p. 723.

³⁰ BARTH, K., Carta aos Romanos, p. 457.

³¹ KÄSEMANN, E., Commentary on Romans, p. 216.

³² MOO, D. J., The Epistle to the Romans, p. 473.

³³ MOO, D. J., The Epistle to the Romans, p. 473-474.

³⁴ DUNN, J. D. G., Comentário à carta de Paulo aos Romanos 1-8, p. 418.

Cristo Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós” (Rm 8,11). Essa habitação do Espírito não apenas confirma a nova vida em Cristo, mas também capacita os fiéis a viverem de maneira transformada, refletindo os valores do Reino e participando ativamente da obra redentora de Deus no mundo.

Neste contexto, Paulo enuncia claramente a preexistência de Cristo como Filho de Deus (Rm 8, 3-4). A “carne” representa a condição humana mortal, o terreno onde o Messias enfrenta a *hamartia*, desafiando-a para derrotá-la, sem contaminar-se e cumprindo cabalmente o que a lei exige. Segundo Moo,³⁵ o que a Lei não podia fazer, uma vez enfraquecida pela carne, Deus o fez ao enviar seu próprio Filho em forma de carne para condenar o pecado na carne (Hb 4,15). Essa ação divina não apenas demonstra a profundidade do amor de Deus, mas também estabelece um novo caminho para a justiça, permitindo que os crentes vivam de acordo com o Espírito, em vez de se submeterem à fraqueza da carne.

Hans³⁶ esclarece que é precisamente como “a lei do Espírito” que a Lei deve ser entendida, servindo como uma diretriz para a conduta dirigida pelo Espírito. Essa Lei, libertada das ideias errôneas, da força do poder do pecado e da fraqueza da carne que tanto lhe reduziu o poder, pode ser experimentada como uma força libertadora e uma lei para a vida. Hans prossegue sua reflexão explicando que é necessário notar a ligação entre a “lei do Espírito” e a “lei da fé”, pois ambas enfatizam a importância vital de fazer a vontade de Deus. Em ambos os casos, o qualificativo (“da fé”, “do Espírito”) indica, de maneira resumida, como essa obediência se torna possível, pois a confiança humana se encontra com o poder do Espírito. Essa conexão sugere que a verdadeira liberdade e a vida plena estão intrinsecamente ligadas à obediência à vontade divina, revelando uma dinâmica de colaboração entre a ação humana e a graça de Deus.

Conforme Barth,³⁷ a ação do Espírito na vida do cristão confirma aos que creem em Cristo que eles não estão mais sob a carne; ou seja, estar no Espírito é estar em Cristo. Por meio do Espírito, realiza-se a verdadeira “circuncisão”, a do coração, fruto da Nova Aliança em Cristo, pois o Espírito dá sentido à existência, criando e fixando esse sentido. Pelo Espírito, a existência adquire significado e passa a ter sentido. Segundo Comblin,³⁸ a vida nova em Cristo comporta um novo modo de viver, pois a ação do Espírito forma um novo *ethos*. As normas da antiga Lei foram aperfeiçoadas pela Nova Lei do amor, inaugurada por Cristo na cruz. O novo estilo de vida, portanto, é resultado de uma Lei interior e espiritual, que impele o homem a testemunhar na prática essa nova realidade, tornando-se uma “nova criação” (Ap 21,5).

Todavia, é preciso ter presente que a vida no Espírito não se configura como nenhuma espécie de alienação, ópio ou subjetivismo, mas sim como um constitutivo do seguimento de Cristo. Esse seguimento não se limita a uma mera imitação ou repetição de determinados atos ou virtudes de Jesus, mas consiste, antes, em reproduzir criativamente, no contexto histórico, a vida e a prática de Jesus. Seguir Cristo como “o

³⁵ MOO, D. J., The Epistle to the Romans, p. 477.

³⁶ HANS H., La legge in Paolo, p. 142.

³⁷ BARTH, K., Carta aos Romanos, p. 44.

³⁸ COMBLIN, J., O Espírito Santo e a libertação, p. 99.

caminho” (Jo 14,6) é entrar na dinâmica da vida espiritual, ou seja, “caminhar segundo o Espírito” (Rm 8,4). De acordo com Sobrino,³⁹ só movidos pela força do Espírito se aprende como viveu Jesus sua história. E nesse espírito, aprende-se a viver não sua história, mas, sim, a nossa.

O Espírito exige uma mudança na vida do cristão, pois está intimamente ligado à exigência da práxis. A fé desvinculada de ações concretas pode facilmente se transformar em uma fantasia espiritual em busca do bem-estar pessoal. Assim, aquele que vive segundo o Espírito não tem necessidade de se apegar aos bens temporais ou aos devaneios deste mundo, nem de se submeter a desejos meramente humanos ou escravizar-se aos prazeres. Em vez disso, é chamado a afastar-se do mal e a praticar o bem.⁴⁰ Esse caráter ativo da fé não se contrapõe nem compromete seu aspecto gracioso, pois a fé é um dom (Ef 2,8) que, uma vez acolhido, nos recria, inserindo-nos ativamente em seu próprio dinamismo: “criados por meio de Cristo Jesus para realizarmos as boas ações que Deus nos confia como tarefa” (Ef 2,10). Portanto, a fé é um dom-tarefa, algo que recebemos para realizar, transformando-se em um compromisso prático com a justiça e o amor, levando os cristãos a agir como agentes de mudança no mundo e refletindo os valores do Reino de Deus em suas ações cotidianas.

A prática do bem é, portanto, uma ação natural e própria da vida nova no Espírito, provinda de um coração novo habitado pelo Espírito do ressuscitado, que se abre em ações concretas em favor do próximo. Assim sendo, partilhar os bens recebidos ou adquiridos, desprender-se da riqueza em favor dos pobres e socorrer os necessitados são formas de reconhecer a ação transformadora de Deus em nosso mundo e, sobretudo, de assumir nossa responsabilidade de ser também fermento de transformação. Neste sentido, é importante reconhecer que a Teologia da Libertação é, antes de tudo, uma “práxis teologal” que pode ser chamada de espiritualidade libertadora: um jeito de viver e celebrar a fé, de atuar e intervir na sociedade, e de configurar a vida individual e coletiva, eclesial e social.⁴¹ Trata-se do modo de viver e agir de Jesus de Nazaré, o Cristo. Por isso, a práxis que caracteriza a Teologia da Libertação é a práxis do seguimento de Jesus de Nazaré, que consiste na realização histórica do reinado de Deus.⁴²

3. A Teologia da Libertação e a Espiritualidade Libertadora

A Teologia da Libertação, como qualquer autêntica Teologia, nasce, desenvolve-se e mantém-se, em última instância, como uma expressão intelectual de uma experiência de Deus dentro de uma tradição eclesial concreta. Desse modo, a Teologia Latino-Americana compreende a espiritualidade libertadora partindo do pressuposto que toda vida espiritual procede da ação do Espírito Santo e de que toda praxis libertadora emerge de uma experiência espiritual de encontro com Jesus nos pobres. Essa abordagem enfatiza que a verdadeira espiritualidade não é apenas uma

³⁹ SOBRINO, J., A fé em Jesus Cristo, p. 11.

⁴⁰ CEC 1708.

⁴¹ ESQUERDA B. J., Teología de la evangelización, p. 368.

⁴² MURAD, A.; GUIMARÃES, M. R., O amadurecimento litúrgico das cebs e os sinais de uma nova espiritualidade, p. 826.

busca individual, mas um compromisso coletivo com a justiça social, destacando que o Evangelho se manifesta de forma mais profunda nas lutas e nas esperanças dos marginalizados. Assim, a Teologia da Libertação não apenas busca compreender a realidade, mas também se propõe a transformá-la, integrando a fé com a ação social e política em favor dos oprimidos.

Toda escola teológica refere-se a uma espiritualidade, consequentemente, na origem de toda teologia, percebe-se uma experiência espiritual de Deus. As diferenças das teologias devem-se ao caráter sócio-histórico dessa experiência fundante de Deus. Quanto mais profunda for a experiência e mais alinhada a um dado contexto, maior será a probabilidade de a teologia se impor eclesialmente. A Teologia da Libertação não é uma exceção a essa regra. De acordo com Libanio,⁴³ ela nasce de uma profunda “experiência de Deus no pobre”.

De acordo com Leonardo Boff e Clodovis Boff:⁴⁴ “Toda verdadeira teologia nasce de uma espiritualidade, vale dizer, de um encontro forte com Deus dentro da história. A teologia da libertação encontra seu nascedouro na fé confrontada com a injustiça feita aos pobres”. Em sintonia com esse pensamento, Gutiérrez afirma que a Teologia da Libertação é uma resposta ao sofrimento dos pobres, interpretando a fé à luz de suas lutas. Para ele, a salvação se manifesta tanto espiritualmente quanto através da ação social, destacando que a verdadeira espiritualidade se revela na prática da justiça e na solidariedade com os oprimidos:

No ponto de partida de toda teologia encontra-se o ato de fé. Não, porém, como simples adesão intelectual à mensagem, e sim como acolhida vital do dom da Palavra escutada na comunidade eclesial, como encontro com o Senhor, como amor ao irmão. Trata-se da existência considerada em sua totalidade. Acolher a Palavra, fazê-la vida, gesto concreto, está no início de qualquer compreensão da fé; O caminho para ser cristão é o fundamento da direção que se toma para fazer teologia. Por isso pode-se dizer que nossa metodologia é nossa espiritualidade (ou seja, um modo de ser cristão). A reflexão sobre o mistério de Deus só pode ser feita seguindo os passos de Jesus.⁴⁵

O característico da Teologia da Libertação é o que se convencionou chamar de “experiência de Deus nos pobres” ou, de forma mais ampla, “opção pelos pobres” (os pobres e marginalizados). Isso constitui o núcleo da experiência judaico-cristã de Deus, que, segundo as Escrituras, aparece sempre como o Deus partidário dos pobres e oprimidos (Jd 9,11), a ponto de se identificar com eles (Mt 25,31-46). Na verdade, como bem tem insistido Jon Sobrino,⁴⁶

A relação de Deus com os pobres deste mundo aparece como uma constante em sua revelação. Esta se mantém formalmente como resposta aos clamores dos pobres; e por isso, para conhecer a revelação de Deus é necessário conhecer a realidade dos pobres. Dito de outra forma: a relação Deus-pobres no Êxodo, nos profetas ou em Jesus não é

⁴³ LIBANIO, J. B., Teologia da libertação, p. 103-116.

⁴⁴ BOFF, C.; BOFF, L., Como fazer teologia da libertação, p. 15.

⁴⁵ GUTIÉRREZ, G., A verdade vos libertará, p. 20.

⁴⁶ SOBRINO, J., Teología en un mundo sufriente, p. 55.

apenas conjuntural e passageira, mas estrutural. Existe uma correlação transcendental entre revelação de Deus e clamor dos pobres e, por isto, embora a revelação de Deus não se reduza a responder ao clamor dos pobres, cremos que sem introduzir essencialmente essa resposta não se compreende a revelação.

A libertação dos pobres e oprimidos no Êxodo e nas práxis de Jesus de Nazaré não é algo secundário ou periférico na revelação do Deus bíblico, mas algo constitutivo dessa revelação, que diz respeito ao mistério mais profundo de Deus. Revelar-se no processo de libertação do Êxodo e na prática libertadora de Jesus não é mero detalhe ou casualidade; está intrinsecamente relacionado ao próprio mistério de Deus, que não pode assumir a “forma” de um Faraó ou de um César sem se negar a si mesmo. O Deus bíblico é, portanto, em si mesmo, essencialmente e constitutivamente, um Deus partidário dos pobres e oprimidos. Essa compreensão não apenas destaca a natureza de Deus, mas também convoca os crentes a agir em solidariedade com os marginalizados, refletindo a justiça divina em suas próprias vidas e comunidades.

Gutiérrez,⁴⁷ um dos teólogos formuladores do conceito de espiritualidade libertadora, descreve a espiritualidade como uma vivência integral de fé, sendo, em seu sentido mais profundo, o domínio do Espírito. Essa visão se alinha com a compreensão de Moltmann,⁴⁸ que a define como uma vida no Espírito de Deus, caracterizada por um intenso convívio com Ele. Ampliando essa perspectiva, o teólogo Comblin⁴⁹ destaca características essenciais da espiritualidade libertadora, como o cultivo da contemplação, que permite uma penetrante descoberta do mistério divino e a lógica *kenótica* de Deus, que escolhe o fraco para confundir os fortes. Além disso, essa espiritualidade é ascética e guiada pelo Espírito, comprometida com os pobres.⁵⁰ O verdadeiro compromisso com os marginalizados requer paciência e constância, comparáveis às virtudes dos monges do deserto, e envolve também mortificações corporais, dadas as condições insalubres dos ambientes em que se encontram, além da renúncia a privilégios e comodidades da sociedade opulenta.

A segunda característica da espiritualidade libertadora se define pela oração, entendida “como dimensão fundamental de toda a espiritualidade, onde há experiência de gratuidade com a história sofrida do povo, dentro do diálogo com Deus”.⁵¹ Para Comblin, a espiritualidade orante é semelhante à dos pobres que, em meio às situações de indigência, suplicam, de maneira livre e espontânea, do coração, “a vinda do Reino, o pão para matar a fome, o perdão dos pecados, não cessando de dar graças a Deus, de quem confiança e esperança não falham”.⁵² Essa espiritualidade é configurada na experiência de alteridade, onde a alegria brota, mesmo diante da dor e do sofrimento, manifestando-se como a alegria do Espírito, que permite suportar com suavidade até o martírio.⁵³ Essa vivência orante não apenas fortalece a conexão com Deus, mas também

⁴⁷ GUTIÉRREZ, G., Teologia da Libertação, p. 172.

⁴⁸ MOLTSMANN, J., O Espírito da Vida, p. 87.

⁴⁹ COMBLIN, J., O Espírito Santo e a libertação, p. 167.

⁵⁰ COMBLIN, J., O Espírito Santo e a libertação, p. 162-172.

⁵¹ TEIXEIRA, F. L. C., Mística e Política na América Latina, p. 210

⁵² COMBLIN, J., O Espírito Santo e a libertação, p. 172.

⁵³ COMBLIN, J., O Espírito Santo e a libertação, p. 174-175

engaja o fiel na luta pela justiça social, ressaltando que a verdadeira oração é acompanhada por ações que promovem a dignidade e a libertação dos oprimidos.

A terceira característica da espiritualidade libertadora é sua dimensão de discernimento, que se manifesta “no embate das tentações e ilusões humanas, desafiando a encontrar a vontade amorosa de Deus, manifestada pelo Espírito que conduz ao seguimento de Jesus”.⁵⁴ Além disso, essa espiritualidade está integrada à religiosidade popular, “pois o Espírito perscruta as riquezas das expressões populares da fé, cheias de significação libertadora”.⁵⁵ Essa conexão com a religiosidade popular enriquece a vivência de fé, permitindo que a comunidade reconheça e valorize as práticas que surgem da vida cotidiana. Assim, o discernimento se torna uma ferramenta essencial para navegar não apenas as dificuldades pessoais, mas também os desafios sociais, capacitando os fiéis a agir de forma justa e solidária, conforme os ensinamentos de Jesus.

A quarta característica da espiritualidade libertadora é sua natureza marcada pela praxis dialogal, que favorece tanto o diálogo ecumênico quanto o inter-religioso, equilibrando a abordagem pneumatológica com a cristológica na reflexão sobre Deus e suas experiências. Essa espiritualidade, conforme Leonardo Boff,⁵⁶ também possui uma “abrangência cósmica”, compreendendo o Espírito como a capacidade de interconexão de tudo com tudo. Por fim, a quinta característica ressalta a necessidade de recuperar e integrar o estético e o lúdico como dimensões essenciais da experiência mística. Isso implica equilibrar o compromisso ético com a capacidade de se deixar fascinar pela beleza, reconhecendo que o Espírito Santo é o artífice de toda a beleza na criação.⁵⁷ Além disso, essa espiritualidade se posiciona como protagonista nos movimentos contra a cultura da violência, buscando ampliar e instaurar uma cultura de vida.⁵⁸

Em suma, a Teologia da Libertação, como uma espiritualidade focada na experiência de vida no Espírito pelos pobres, oprimidos e esquecidos do povo latino-americano, envolve a sistematização de uma experiência muito concreta, na qual o empobrecido, como lugar epistêmico, vivencia a ação do Espírito que o liberta. Assim, essa espiritualidade, a partir da realidade dos pobres, representa uma nova maneira de expressar a fé e um convite suave, mas contundente, do Espírito para um encontro solidário com Cristo, que se identifica com os marginalizados. Portanto, a Teologia da Libertação não apenas propõe uma reflexão teológica, mas também um chamado à ação, instigando os fiéis a se comprometerem com a transformação social e a justiça, refletindo a essência do Reino de Deus na Terra.

Conclusão

A reflexão apresentada evidencia que a Teologia da Libertação Latino-americana não se limita a propor um novo tema de reflexão, mas introduz uma maneira nova de fazer teologia, situada na interseção entre fé e realidade histórica, entre reflexão e prática

⁵⁴ BINGEMER, M. C., A identidade crística, p. 64.

⁵⁵ GALILEA, S., La fede come principio critico di promozione della religiosità popolare, p. 181.

⁵⁶ BOFF, L., Ecologia, mundialização e espiritualidade, p. 199.

⁵⁷ GALILEA, S., La fede come principio critico di promozione della religiosità popolare, p. 42.

⁵⁸ GALILEA, S., Teología de la liberación y nuevas exigencias cristianas, p. 42-43.

libertadora. Nesse horizonte, a experiência de vida no Espírito, conforme descrita por Paulo em Rm 8,2, revela-se importante, pois a “Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus” liberta o crente da escravidão do pecado e da mera observância da lei, abrindo-o à vida nova que surge da cruz e ressurreição de Cristo. Esse versículo, portanto, ilumina a compreensão de que a verdadeira libertação é inseparável da experiência espiritual no Espírito Santo, que transforma a vida individual e comunitária, capacitando os cristãos a se engajarem em práticas concretas de justiça, amor e solidariedade.⁵⁹

A Teologia da Libertação, ao assumir o pobre como lugar epistemológico e privilegiado de encontro com Deus, manifesta que a fé não é apenas contemplação ou adesão intelectual, mas compromisso ativo com a transformação da realidade histórica.⁶⁰ O Espírito, derramado sobre os crentes, fortalece essa práxis libertadora, gerando um *ethos* novo e uma espiritualidade que conecta intimamente experiência mística, ética e ação social. Como demonstrado, a vida no Espírito não é alienação ou subjetivismo, mas uma dimensão constitutiva do seguimento de Cristo, orientando os fiéis a viverem segundo os valores do Reino de Deus, refletidos em justiça, amor e reconciliação.

O Espírito, derramado sobre os crentes, fortalece essa práxis libertadora, gerando um *ethos* novo e uma espiritualidade que conecta intimamente experiência mística, ética e ação social. Como demonstrado, a vida no Espírito não é alienação ou subjetivismo, mas uma dimensão constitutiva do seguimento de Cristo, orientando os fiéis a viverem segundo os valores do Reino de Deus, refletidos em justiça, amor e reconciliação.⁶¹

Referências bibliográficas

ANDRADE, Paulo Fernando de. **Fé e eficácia: o uso da sociologia na teologia da libertação**. São Paulo: Loyola, 1991.

ASSMANN, Hugo. **Teología desde la praxis de la liberación: ensayo teológico desde la América dependiente**. Salamanca: Sígueme, 1973.

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Novo Século, 2005.

BÍBLIA de Nova Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

BINGEMER, Maria Clara. **A identidade crística**. Sobre a identidade, a vocação e a missão dos leigos. São Paulo, 1998.

BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. **A Teologia da Libertação Balanços e Perspectivas**. São Paulo: Ática, 1996.

BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁵⁹ GUTIÉRREZ, G., Teología de la liberación, p. 87.

⁶⁰ GUTIÉRREZ, G., Teología de la liberación, p. 245.

⁶¹ COMBLIN, J., O Espírito Santo e a libertação, p. 166.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização e espiritualidade**: A emergência de um novo paradigma. São Paulo, 1993.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**. Lisboa: Multinova, 1976.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

COMBLIN, José. Trinta anos de teologia latino-americana. In: SUSIN, Luís Carlos. (Org.). **O mar se abriu**: trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Soter-Edições Loyola, 2000. p. 179-192.

DUNN, James D. G. **A teologia de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.

DUNN, James D.G. **Comentário à carta de Paulo aos Romanos 1-8**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2022.

ELLACURÍA, Ignacio. Relación teoría y praxis en la teología de la liberación. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos teológicos I**. San Salvador: UCA, 2000, p. 235-248.

ESQUERDA BIFET, Juan. **Teología de la evangelización**. Madrid: BAC, 1995.

GALILEA, Segundo. **La fede come principio critico di promozione della religiosità popolare**. Assisi: Cittadella, 1975.

GALILEA, Segundo. Teología de la Liberación y nuevas exigencias cristianas. **Medellín. Biblia, Teología y Pastoral para América Latina y El Caribe**, v. 1, n. 1, p. 35-45, mar./abr.1975. Disponível em: <<https://revistas.celam.org/index.php/medellin/article/view/1686>>. Acesso em: 18 out. 2024.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia no século XX**. São Paulo: Loyola, 1988.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A verdade vos libertará**: confrontos. São Paulo: Loyola, 2000.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Onde dormirão os pobres?** São Paulo: Paulus, 2003.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teología de la liberación**. Perspectivas. Lima: CEP, 1988.

HANS, Hübner. **La legge in Paolo**. Contributo allo sviluppo della teologia paolina. Brescia: Paideia, 1995.

KÄSEMANN, Ernst. **Commentary on Romans**. Grand Rapids MI: Eerdmans, 1980.

LIBANIO, João Batista. **Teologia da libertação**: roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola, 1987.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia**: Perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996.

LOPES GONÇALVEZ, Paulo Sergio. Liberationis Mysterium. O projeto sistemático da teologia da libertação. Um estudo teológico na perspectiva da regula fidei. **Cultura**

teológica, n. 22, p. 105-115, jan./marc. 1998. Disponível em: <//revistashomol.pucsp.br/index.php/culturateo/issue/view/981>. Acesso em: 2 dez. 2025.

MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da Vida**. Uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999.

MOO, Douglas J. **The Epistle to the Romans**. Grand Rapids, Cambridge: Eerdmans, 1996.

MURAD, Afonso; GUIMARÃES, Marcelo Resende. O amadurecimento litúrgico das cebs e os sinais de uma nova espiritualidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 52, n. 208, p. 821–832, dez. 1992. Disponível em: //revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2844. Acesso em: 2 dez. 2025. DOI: https://doi.org/10.29386/reb.v52i208.2844.

RICHARD, Pablo. **Força ética e espiritual da Teologia da Libertação**: no contexto atual da globalização. São Paulo: Paulinas, 2006.

SEGUNDO, Juan Luis. **Libertação da teologia**. São Paulo: Loyola, 1978.

SOBRINO, Jon. **A fé em Jesus Cristo**. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRINO, Jon. Teología en un mundo sufriente: La teología de la liberación como ‘intellectus amoris’. **Latinoamericana de teología**, v. 5, n. 15, p. 243-266, set./dez. 1988. Disponível em: //revistas.uca.edu.sv/index.php/rlt/article/view/6018. Acesso em: 5 dez. 2025. DOI: 10.51378/rlt.v5i15.6018.

TEIXEIRA, Faustino Luis do Couto. Mística e Política na América Latina: A espiritualidade do seguimento. Mística e Política. In: BINGEMER, Maria Clara (Org.). **Mística e Política**. São Paulo: Loyola, 1994. p. 197-219.

TORRES, G. Sergio. La teología de La liberación en Chile. In: COMBLIN, José. **A esperança dos pobres vive**: Coletânea em homenagem aos 80 anos de Comblin. São Paulo: Paulus, 2003. p. 176-177.

Anderson Moura Amorim

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Trabalho realizado com o apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: christo.moura@hotmail.com

Recebido em: 18/10/2024

Aprovado em: 09/12/2025